

UM ESTUDO SOBRE CLASSIFICAÇÕES DE TIPOS DÊITICOS

A STUDY ON CLASSIFICATION OF DEICTIC TYPES

Alena Ciulla*, Mayara Arruda Martins**

RESUMO

No que tange à dêixis, numerosos são os trabalhos, já que se trata de assunto de extrema relevância, tanto para os estudos sobre referência, quanto para os estudos do texto. Também há diversas classificações de tipos dêiticos. Por isso, neste trabalho, investigamos duas diferentes propostas de classificação de tipos dêiticos, identificando os critérios de que partem. Nosso objetivo, a longo prazo, no decorrer da pesquisa de mestrado em que se insere este artigo, é o de verificar a possibilidade de chegar a um quadro de tipos dêiticos, conforme critérios homogêneos de classificação. Trata-se, contudo, aqui, de um ponto de partida, para fazer um reconhecimento dos estudos na área. Identificamos dois critérios principais que, na maior parte dos trabalhos, norteiam tanto a definição de dêixis quanto a classificação em tipos, quais sejam, o da subjetividade e o da ostensividade. Porém, um dos problemas identificados é que alguns tipos se sobrepoem, ou não atendem rigorosamente a esses critérios. Assim, enfatizamos a necessidade de um aprofundamento da reflexão, para dar continuidade a esse estudo, abrindo perspectivas de lançar bases mais sólidas para uma classificação abrangente.

Palavras-chave: Dêixis. Referenciação. Tipos de dêiticos.

ABSTRACT

Regarding deixis, there are many works, since that is an extremely relevant subject, both for reference studies and for text studies. There are also several different classifications of deictic types. Therefore, in this work, we investigate two different proposals for the classification of deictic types,

* Doutora em Linguística (UFC). Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

identifying the criteria from which they depart. Our objective, in the master degree's research in which this article is inserted, is to verify the possibility of a framework of deictic types, according to homogeneous classification criteria. However, this is a starting point in order to recognize the studies in the area. We identify two main criteria that, in most of the works, guide both the definition of deixis as to a classification in deictic types, which are subjectivity and ostensivity. However, one of the problems is that some types overlap or do not strictly follow those criteria. Thus, we emphasize the need for a deepening reflection, to continue this study, opening perspectives to lay more solid bases for a comprehensive classification.

Keywords: *Deixis. Referentiality. Types of deixis.*

INTRODUÇÃO

A motivação para este artigo surgiu a partir de estudos sobre a dêixis, considerando a importância de haver um trabalho que discutisse os tipos de dêiticos propostos pela literatura especializada. Isso porque não há um consenso, entre os autores, sobre os critérios para uma classificação dos dêiticos nem mesmo sobre a própria definição de dêixis.

O objetivo, neste artigo, é o de fazer um reconhecimento dos estudos na área, com o intuito de, em trabalhos futuros, chegar a um quadro classificatório consistente de tipos dêiticos.

A seguir, listamos brevemente os dois trabalhos que nortearam os passos iniciais desta pesquisa e a partir dos quais já se pode perceber a discussão que emerge quando o assunto é dêixis.

Cavalcante (2000) retomou os cinco tipos clássicos de dêixis – pessoal, social, espacial, temporal e discursivo – colocando-os em uma escala de subjetividade e relacionando-os à ocorrência de anáforas, com foco, principalmente, na dêixis textual. Apresentou, ainda, características fundamentais de cada um deles e funções que eles podem desempenhar nos mais variados contextos. Em nossa análise, aqui, detemo-nos apenas na classificação sugerida pela autora.

O segundo principal trabalho investigado nesta pesquisa foi Fonseca (1989). Em seu estudo, esta autora discutiu a dêixis *am phantasma*, proposta por Bühler (1982)[1934] pioneiramente, redefinindo-a como dêixis fictiva. Foram levantados questionamentos acerca do fator tempo (dêixis temporal) – já discutido em Fonseca (1985) – em que a autora associa as instâncias de pretérito e futuridade ao tempo presente, definido a partir do *eu*. Tudo isso, a autora definiu como “manifestação do poder da linguagem”. Fonseca também propôs a dêixis modal, que pode ser exemplificada por ocorrências, principalmente, do termo “assim”, conforme demonstrado em Fonseca (1996) e explicado com mais detalhe neste artigo.

Tratamos, a seguir, primeiramente, da noção fundamental de dêixis, conforme proposta original de Bühler (1982)[1934], que orienta grande parte dos estudos sobre o assunto, incluindo os que resenhamos aqui.

1 BÜHLER E A NOÇÃO FUNDAMENTAL DE DÊIXIS

O termo *dêixis* foi tomado de empréstimo do grego, em que significava “apontar” ou “indicar” e, ainda que diferentes aspectos e tipos sejam mencionados na literatura, esse fenômeno conserva o apontamento, ou a remissão, como característica fundamental na maior parte dos trabalhos.

Isso se deve, em parte, ao fato de que a maioria dos trabalhos sobre dêixis, dentre eles os dois em foco neste artigo, tem Bühler (1982)[1934] como texto medular. O autor advogou a fusão e a interseção dos processos perceptuais e linguísticos na sua teoria da linguagem e foi o primeiro a definir a dêixis.

Como psicólogo, Bühler (1934) observou a dêixis sob um ponto de vista da percepção humana. Para o autor, uma pessoa percebe seu corpo em relação a sua orientação visual e a usa de maneira dêitica. Assim, a sua representação consciente, experimentada da percepção corporal, é feita em relação ao espaço visual. A orientação espacial, tanto para um homem quanto para um animal, ainda conforme o autor, nunca é simplesmente uma questão de visão conceitualmente isolada. As informações sobre a visão, audição e percepção são, segundo Bühler, recebidas e processadas em conjunto.

Para o autor, então, quando uma pessoa usa um termo dêitico, ela o faz considerando o seu corpo em relação a sua orientação visual, dependendo não da representação convencional, mas de sinais de apontamentos, na situação comunicativa.¹

Daí a sua proposta de uma divisão em dois tipos de signos linguísticos, os *Zeigwörter* (palavras mostrativas) e os *Nennwörter* (palavras nomeadoras). *Zeigwörter* são, nesta proposta, as expressões dêiticas, que compõem o *campo dêitico* da linguagem, cujo ponto zero – a *origo* – é fixado pela pessoa que está falando, pelo local da comunicação e pelo momento da comunicação: *eu, aqui e agora*, respectivamente. As expressões dêiticas são, para o autor, sinais vazios, cujo sentido é determinado em uma dada situação de comunicação, em que a atenção do destinatário é guiada pelo apontamento do emissor. Em oposição, o *campo simbólico* compreende as *Nennwörter*, as quais funcionam, na concepção do autor, como *símbolos*. O sentido de uma expressão dêitica, para Bühler (1982)[1934], seria determinado, então, em uma situação referencial de apontamento, enquanto que o sentido de uma expressão simbólica seria determinado pela relação com outros itens linguísticos, tanto os do conhecimento linguístico dos falantes, quanto os do conhecimento em uso pelos falantes. Dessa maneira, apontar e nomear seriam atos distintos para os quais a língua forneceria dois tipos de signos com diferenças em termos funcionais.

A seguir, explicitamos, brevemente, alguns pontos nevrálgicos sobre essa definição de dêixis, que foram explorados de diferentes maneiras, na literatura, em especial por Cavalcante (2000), Ciulla (2002) e Fonseca (1985;1989;1996).

2 O CONCEITO DE DÊIXIS EM DISCUSSÃO

Cavalcante (2000), em conformidade com Lahud (1979), alega que a dêixis não pode ser tratada meramente como uma indicação sem nenhuma correspondência simbólica, conforme descrita por Bühler (1982)[1934].

Lahud (1979), valendo-se da noção de símbolo-índice da filosofia, chega a um conceito de dêixis que implica uma relação entre o objeto e as circunstâncias discursivas. Segundo o autor, as palavras dêiticas, embora tenham uma significação constante, mudam de referência conforme as transformações “nas condições de sua elocução” (LAHUD, 1979, p. 68). Assim, palavras como *eu, você, aqui, ali, hoje, ontem, aquilo* etc. trocam de referente em função da perspectiva que o

¹ Optamos por manter, aqui, os termos de Bühler (1934) para *emissor, destinatário, parceiros e situação* (da comunicação), condizentes com uma concepção de língua como código, para a melhor compreensão das bases filosóficas do autor. No entanto, observamos que em nossa proposta não se mantém essa concepção, pois nos fundamentamos em pressupostos influenciados pelos estudos cognitivos e enunciativos, em que os participantes do ato comunicativo não simplesmente decodificam uma mensagem, mas têm um papel de construir intersubjetivamente os sentidos (ver MONDADA; DUBOIS, 2003 e APOTHÉLOZ, 2001).

falante toma no ato da comunicação. O referente de um dêitico é um vazio que pode ser ocupado por todos os “particulares” capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão.

Por causa dessa característica, Bühler (1982)[1934] havia, inclusive, atribuído aos dêiticos uma “frouxidão ou indeterminação lógica”. Contra isso, Lahud (1979) afirma que, de fato, o referente é indeterminado, mas o dêitico ao qual está vinculado indica uma relação bem determinada, e socialmente convencionada, entre o objeto e as circunstâncias da interação.

Sob esse ponto de vista é que os dêiticos poderiam ser considerados “símbolos-índices”, conforme Lahud (1979). Enquanto índices, seriam termos referenciais que individualizam um objeto discursivo de forma dinâmica, ou seja, remeteriam simultaneamente ao objeto e à situação discursiva (a qual varia de acordo com as “condições de elocução”). Por outro lado, também podem ser vistos como símbolos, pois assumem um significado convencional, estabilizado, codificado na língua sob a forma de pronomes ou demonstrativos e, além disso, possuem registro em dicionário.

É interessante notar que Bühler parte de uma abordagem da Psicologia para teorizar sobre a dêixis, e em uma perspectiva em que a língua é vista como um instrumento que os falantes usam para desempenhar atos de fala (DIESEL, 2012). Tal visão de língua como instrumento não coincide com a abordagem de Lahud, fortemente influenciado pela teoria enunciativa de Benveniste, nem com as abordagens mais recentes da Linguística Textual/Referenciação, no Brasil, como a que adotamos aqui, em que se considera que a língua é um processo de interação e que o sentido é flutuante, completando-se somente na negociação entre os falantes, a cada nova situação enunciativa. Assim, entre outras questões decorrentes disso, a subjetividade, em Bühler, diz respeito ao caráter mais formal da língua e à situação enunciativa estrita, isto é, ao fato de que a dêixis é instaurada pela primeira pessoa *eu*. Além disso, na relação com o *tu*, o que interessa a Bühler não diz respeito à complexa relação de intersubjetividade, mas meramente ao papel do falante ao guiar, através de um dêitico, a percepção do destinatário a um determinado referente. Nas palavras do autor:

Em suma: as palavras dêiticas, fonologicamente distintas entre si, exatamente como quaisquer outras palavras, são um expediente para guiar os parceiros (da comunicação). O destinatário é convocado por elas, para que dirija o seu olhar, e, mais amplamente, a sua atividade de busca perceptual, a sua atenção na recepção dos sentidos; as palavras dêiticas, com ajuda de pistas do tipo gestuais e seus equivalentes, tornam mais precisa e complementam a orientação do destinatário a respeito dos detalhes da situação (BÜHLER, 1934, p. 105-106) [Tradução nossa do original, em alemão].²

Transpondo a teoria de Bühler para uma concepção enunciativa da língua, de acordo com Benveniste (1988), de fato, somente os pronomes pessoais *eu* e *tu/você* podem tomar da palavra e pertencem a uma dimensão (inter)subjetiva da linguagem, com a função de remeter à situação enunciativa. Contudo, de um ponto de vista mais profundo sobre a situação em que as operações simbólicas e de apontamento são realizadas, Cavalcante (2000) vê a necessidade de salientar o papel do sujeito da enunciação como centro do sistema de coordenadas, o que confere à dêixis um caráter subjetivo de modo mais amplo, pois intersubjetivo, conforme também apontado por Benveniste

² “Kurz gesagt: die geformten Zeigwörter, phonologisch verschieden voneinander wie andere Wörter, steuern den Partner in zweckmäßiger Weise. Der Partner wird angerufen durch sie, und sein suchender Blick, allgemeiner seine suchende Wahrnehmungstätigkeit, seine sinnliche Rezeptionsbereitschaft wird durch die Zeigwörter auf Hilfen verwiesen und deren Äquivalente, die seine Orientierung im Bereich der Situationsumstände verbessern, ergänzen” (BÜHLER, 1934, p.105-106).

(1988).³ Assim, ainda que a questão formal seja fundamental para o reconhecimento e definição da dêixis, não basta identificar quem diz *eu*, mas é preciso compreender o papel do sujeito da enunciação e tudo o que de complexo isso implica. A subjetividade é, portanto, um fenômeno de profunda complexidade e não se restringe à questão formal de remeter às pessoas do discurso.

Mas é em Lyons (1982) que Cavalcante (2000) se apoia para defender um deslocamento, então, da noção de subjetividade, que, além de conter a noção formal de subjetividade ligada às pessoas do discurso (i.e. *eu* e *tu/você*), condiz com a crença da autora no fato de que não é exatamente o falante o centro da enunciação, mas a sua relação com o discurso e com o contexto de produção. Sob esse ponto de vista, então, a característica mais importante da língua é a relação entre os sujeitos participantes do ato comunicativo, considerando os usos que fazem da língua e o contexto cultural em que se inserem. Nas palavras de Cavalcante (2000), não é o falante o centro da enunciação, “mas a relação entre o falante, o discurso e o contexto de produção”.

A partir dessa visão de intersubjetividade e de símbolos-índice é que Cavalcante (2000) organiza sua classificação dos tipos clássicos de dêixis, de acordo com graus de subjetividade, conforme resenhamos no item 3.

Fonseca (1989; 1996) também parte da noção Bühleriana, mas discute não o princípio da dêixis, e, sim, os tipos dêiticos propostos pelo autor – ainda que, ao discutir os tipos, acabe por promover deslocamentos importantes, também, da concepção fundamental de Bühler (1982) [1934]. O foco de Fonseca (1989;1996), no que diz respeito ao funcionamento da dêixis, está na ampliação de situações enunciativas em diversos contextos, especialmente os da narrativa ficcional, ativados a partir de formas várias de mostração. Os detalhes de sua proposta são apresentados a seguir, no item 3.

3 TIPOS DE DÊIXIS

Segundo Cavalcante (2000):

A análise de Benveniste (1988) trata os pronomes verdadeiramente pessoais como “indicadores de subjetividade”; o termo *dêiticos* é reservado aos pronomes de valor demonstrativo e circunstancial, que mensuram as noções de proximidade/distância no tempo e no espaço a partir da instância discursiva que contém *eu*, explicitamente ou não (CAVALCANTE, 2000, p. 33).

E é a partir dessa afirmação que a autora propõe considerar uma escala de subjetividade para os tipos dêiticos, incluindo aí os próprios indicadores de subjetividade (ou pessoalidade), como os de maior grau na escala.

Cavalcante (2000) define, então, os dêiticos, apresentando como características fundamentais, “além da referencialidade, a natureza ostensiva, acrescida de uma avaliação do contraste de proximidade/distância em relação ao ponto zero do campo dêitico” (CAVALCANTE, 2000, p. 99). A autora apresenta uma lista, considerando que, dentre as expressões referenciais, são dêiticos: i)

³ É importante observar que Cavalcante (2000) refere-se a Benveniste (1988), que corresponde ao *Problemas de Linguística Geral I*. Contudo, esta edição, assim como *Problemas de Linguística Geral II*, compila diferentes textos não sequenciais do autor, tratando de diversos temas e sob diversas perspectivas, e que, de acordo com Flores (2013), precisam ser analisados um a um, e agrupados por temas, numa cronologia, para a compreensão da sua obra. Pela importância de Benveniste para a pesquisa sobre processos referenciais, como se pode notar, ainda, pela frequente recorrência a esse autor por parte de pesquisadores como Lahud (1979), Lyons (1982) e Cavalcante (2000), no que diz respeito à definição de dêixis, à subjetividade e aos tipos dêiticos, frisamos a necessidade de realizar um estudo minucioso da obra de Benveniste, como o que foi iniciado em Ciulla (no prelo).

pronomes substantivos demonstrativos (isto, isso, aquilo e seus equivalentes); ii) grupos nominais determinados por pronomes de valor demonstrativo, em função adjetiva (essas indagações, este meio etc.); iii) estruturas que contêm pronomes de valor circunstancial, em função adjetiva (a minha nota aqui, as crianças de hoje, os políticos daqui etc.); iv) grupos nominais precedidos de artigo definido, mas modificados por palavras de função adjetiva, com valor demonstrativo ou numeral, que indiquem a ordenação de referentes (o item seguinte, o próximo projeto etc.).

A partir dessa definição, a autora retoma os cinco tipos de dêixis – pessoal, social, espacial, temporal e discursiva (hoje, chamados de dêixicos textuais) – apresentados por Fillmore (1971), colocando-os em uma escala de subjetividade e relacionando-os à ocorrência de anáforas, com foco, principalmente, na dêixis discursiva.

Segundo os níveis de grau de pessoalidade propostos por Cavalcante (2000), a dêixis pessoal é a que apresenta maior grau de pessoalidade e é a responsável pelas indicações dos demais tipos de dêixis. Exemplo:

(1) Eu não posso pagar.

“Eu” não se refere a um indivíduo particular, mas ao próprio indivíduo que diz “eu” e só pode ser identificado dentro de uma dada instância do discurso.

A dêixis social, na classificação da autora, comporia um subgrupo da dêixis pessoal. São as formas de tratamento, como no exemplo a seguir.

(2) Professor, essa frase aqui: “A maioria da turma tiraram nota baixa” está correta?

Porém, não nos parece adequado considerar a dêixis social como um subgrupo da dêixis pessoal, pelo menos por um motivo – mas que é essencial, quando se trata de dêixis – a autorreferencialidade. Um pronome de tratamento não institui a relação fundamental e organizadora da língua *eu-tu/você*, como os pronomes de pessoa, mas está ligado às relações sociais e de poder que se estabelecem culturalmente. Ainda que superficialmente possa parecer um mero substituto de *tu/você*, a funcionalidade das expressões dêixicas sociais é bem diferente da que desempenha, na língua, a dêixis pessoal. Por esse motivo, configura-se como um assunto a ser desenvolvido em outros trabalhos.

Continuando com a escala de classificação, em segundo lugar, estaria a dêixis espacial, que deriva da marca de pessoa, por ainda requerer os espaços em que os interlocutores estão no contexto de situação imediata, supondo “o traço ostensivo primário” (CAVALCANTE, 2000). Neste tipo, são apontados os espaços em determinada situação enunciativa, tomando como ponto de partida a localização do locutor, como no exemplo:

(3) Você está vendo aquele rapaz à esquerda do coqueiro?

Note-se que é preciso saber em que posição está o enunciador, para identificar uma expressão como “à esquerda”.

O terceiro tipo clássico mencionado pela autora é a dêixis temporal, cujo exemplo é:

(4) Ontem à noite, ouvi o barulho dos bombeiros. No dia seguinte, soube que houve um incêndio num prédio a duas quadras de casa.

Aqui, para identificar “ontem”, é preciso saber o momento do enunciado – novamente, trata-se de localizar o enunciador, dessa vez, no tempo.

A dêixis temporal, por essa escala, encontra-se numa posição de terceiro lugar no grau de deiticidade, pois, segundo Cavalcante (2000), ainda que a metáfora de localização no tempo exprima bem a indissociabilidade das noções espacial e temporal, “Em seu sentido ostensivo fundamental, de designar demonstrando, a dêixis é, por definição, um meio de localizar um elemento dentro de um espaço organizado de acordo com as coordenadas do falante”. E, por isso, então, a dêixis espacial seria mais básica do que a temporal. Um exemplo de dêixis temporal que exprime distância (espaço, portanto) é:

(5) Beberibe fica a uma hora de viagem.

Por fim, a autora coloca a dêixis discursiva no último grau na escala de subjetividade, uma vez que ela “se aplica a um entorno espaço-temporal metaforizado, embora não represente uma mera transferência da situação comunicativa real para a disposição de conteúdos no texto” (CAVALCANTE, 2000). Exemplo:

(6) Já foi observado acima que...

A autora dedicou grande parte do seu trabalho ao estudo deste último tipo de dêixis elencado, em oposição – ou em convergência – à ocorrência das anáforas, apresentando, como principal semelhança entre elas, a capacidade de retomarem elementos. Além disso, apoia-se mais uma vez em Bühler (1982)[1934] para confirmar o caráter dêitico e, portanto, subjetivo, da dêixis textual, uma vez que esta, embora não aponte para a situação de comunicação dos interlocutores, requer uma ação cognitiva de considerar o ponto em que o leitor está, considerando o cotexto.

Contudo, questionamos, aqui, os inconvenientes de uma classificação hierarquizada em graus de subjetividade: haveria, então, um tipo “mais dêitico” do que outro? Ainda que do ponto de vista teórico seja interessante observar que as marcas de pessoa, sendo autorreferenciais, diferenciam-se por remeter à própria instância da situação enunciativa imediata, enfatizamos o fato de que todos os outros elementos dêíticos são também contemporâneos da instância enunciativa que contém a marca de pessoa, pois, do contrário, não seriam dêíticos. Assim, não nos parece que seja o caso de afirmar que arrefeçam em termos de subjetividade, mas apenas que não são autorreferenciais. Além disso, dependem fortemente da autorreferência e, portanto, da relação de subjetividade/pessoalidade. Aqui também sugerimos um aprofundamento, a ser desenvolvido em futuros trabalhos.

Ainda sobre tipos, seguindo uma classificação clássica, a partir das categorias de pessoa, lugar e tempo, mencionamos Ciulla (2002), que sugere acrescentar aos cinco tipos a dêixis de memória, na trilha do trabalho de Apothéloz (1995). A dêixis da memória é definida por Ciulla (2002) como a que se refere a “um espaço da memória comum dos interlocutores” e se pode observar em exemplos como:

(7) Aquele tempo em que costumávamos pescar juntos.

(8) Essas roupas que se vestem em festas para reviver os anos 70.

Tanto em 7 quanto em 8, os demonstrativos “aquele” e “essas”, respectivamente, instruem o interlocutor a encontrar o referente numa espécie de memória compartilhada. Em 7, é a memória

de um passado comum que é convocada e, em 8, trata-se da convocação para que seja ativado um conhecimento sobre o tempo presente: o modo como as pessoas costumam se vestir em festas para reviver os anos 70.

Observamos que, na classificação de Ciulla (2002), parece-nos mais adequado supor que a dêixis de memória comporia um subgrupo da dêixis espacial. O que, de certa maneira, confirma esse raciocínio são as palavras da autora, ao definir a dêixis de memória:

[...] é o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo e no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente (CIULLA, 2008, p. 73).

Se as categorias de pessoa, lugar e tempo estabelecem as coordenadas para a compreensão dos dêiticos, a memória não desempenha a mesma função. Na dêixis de memória, trata-se de uma transposição do eixo de coordenadas, do espaço da situação imediata, para um espaço imaginado na memória. Assim, a memória não seria um eixo de coordenadas, mas aquilo em que a imaginação se fundamenta para criar esse novo espaço em que os referentes se situam.

Salientamos, aqui, que a dêixis de memória seria um tipo *in absentia*, na classificação de Bühler (1934) e, sob essa perspectiva, também, mereceria uma descrição mais minuciosa em trabalhos futuros.

No que diz respeito a tipos dêiticos, reportamo-nos, por fim, ao trabalho de Fonseca (1989), que retoma a obra de Bühler (1982)[1934], redefinindo os conceitos de dêixis *ad oculos*, *am phantasma* e anáfora, e sugerindo alteração nas denominações para dêixis indicial, fictiva e textual, respectivamente. A autora julga ainda pertinente seguir as três grandes divisões propostas pelo autor alemão.

Para Bühler (1982)[1934], o caráter dêitico é alterado de acordo com a ativação e com a mudança das diferentes formas de mostração em que se enquadram as situações enunciativas. Conforme o autor, os campos mostrativos podem ser situacionais, característicos da dêixis *ad oculos*, imaginários, que se enquadram na dêixis *am phantasma* e textuais, que constituem as anáforas. Caracterizaremos, a seguir, cada um desses tipos, conforme postulou Bühler, a fim de apresentar as modificações propostas por Fonseca (1989), bem como apresentar as definições de dêixis modal e fictiva.

A dêixis *ad oculos* diz respeito à localização dos objetos presentes em uma situação comunicativa, em um campo mostrativo situacional, a partir da ativação sensorial entre os interlocutores, que acompanham a “atualização” da situação a partir do monitoramento nas interações face-a-face. Desse modo, é pela “ativação sensorial”, pela necessidade de acompanhar por vias sensoriais (“olhando” mesmo para os objetos presentes em dado momento de comunicação) a situação comunicativa, que Bühler a define assim. Para esse tipo de dêixis, destacamos o uso dos pronomes demonstrativos, que são termos que possuem usos diferenciados pela proximidade dos referentes em relação à localização dos interlocutores no momento da enunciação. Exemplo:

(9) Sou eu o pai deste menino.

No exemplo, pressupõe-se uma cena em que esteja presente um menino, a quem o locutor apresenta como sendo seu filho. É preciso estar na mesma cena, para saber de quem se trata.

No entanto, para Fonseca (1989; 1996), não somente a partir dessa forma de monitorar se dão as ocorrências dêiticas, por isso prefere modificar o termo para dêixis indicial, pois, segundo a autora, é possível identificar os referentes presentes em determinada situação a partir de outros

meios, como sons, timbre de voz, percepção do local de onde se fala, entre outros. A autora justifica sua reivindicação, a partir da experiência de indivíduos cegos que, naturalmente, conseguem perceber e decodificar ocorrências dêiticas através da audição. Eles podem perceber de onde vem a voz do locutor e, desse modo, instaurar o eu-aqui-agora da enunciação, bem como perceber o caráter intersubjetivo ao decodificar o eu-aqui-agora do(s) interlocutor(es).

Apresentando outro exemplo, o das comunicações por telefone, a autora afirma que é possível haver decodificação da ocorrência dêitica a partir, por exemplo, do timbre da voz de quem fala. Nessas situações, embora os interlocutores não estejam no mesmo *aqui*, é possível identificar as coordenadas dêiticas.

Uma implicação de uma noção assim tão alargada de dêixis, pelo traço da ostensão, é o fato de que, então, pela própria explicação de Fonseca (1989), um tom de voz pode ser um dêitico, o barulho de um trem que passa ou um cheiro, enfim, qualquer elemento, que ajude o interlocutor a localizar os referentes em questão, configurar-se-ia como um dêitico, esvaziando-se, assim o seu significado.

Reconhecemos que podemos contar com várias pistas, de ativação de outros referentes, conhecidos ou pressupostos, que se associam, para identificar e constituir um novo referente. Contudo, parece-nos que as palavras dêiticas são tipos especiais de pistas, por remeterem ao *eu-aqui-agora* da enunciação e constituírem-se como um importante princípio da linguagem, o qual permite que, a cada momento, cada locutor em exercício se aproprie da forma de primeira pessoa e se constitua como *eu*.

Seguindo na proposta de Fonseca (1989), o segundo tipo incluído é a dêixis modal, um subtipo de dêixis indicial, expressa por “*assim*”, que “permite apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de várias ordens, fazendo apelo a outros sentidos além da visão e da audição” (FONSECA, 1989, p. 122).

A autora também identificou a dêixis modal em ocorrências em que há “circunstância para além dos participantes e suas coordenadas espaço-temporais, mediante o uso do dêitico plurivalente ASSIM” (FONSECA, 1996). Como exemplo, cita:

(10) Para a massa ficar leve, é preciso amassá-la *assim*.

No exemplo, há a ocorrência dêitica explicitada pelo vocábulo “*assim*”, a qual só é compreendida, considerando-se a situação imediata de comunicação. Acreditamos, porém, que não somente a partir da marca linguística “*assim*” é possível perceber a circunstância em que se encontra o locutor em situações comunicativas. Em exemplos como “*não entre na sala desse jeito*” ou “*não fale comigo nessa altura*”, há expressões que revelam *modo* e que também só são compreendidas a partir da inserção do *eu-aqui-agora* na situação comunicativa em que essas sentenças forem proferidas.

Outra observação importante é sobre o posicionamento da autora de que a dêixis *ad oculos* (para ela, dêixis indicial) não é uma modalidade “totalmente exofórica”, uma vez que “o contexto situacional não é exterior à linguagem” (FONSECA, 1996). Neste ponto, podemos considerar que Fonseca (1996) provoca um outro deslocamento da teoria Bühleriana, ao excluir a noção de *extra-linguístico*. Concordamos plenamente com esse posicionamento, que condiz com nosso pressuposto de que a língua não opera de maneira cartográfica, mapeando os objetos do mundo. Em nossa concepção, o saber se constitui na linguagem e não pode ser visto separadamente do homem que fala. De fato, a questão não é a de que o “contexto situacional não é exterior à linguagem”, a questão é que, quando nos referimos ao mundo, nós o fazemos do ponto de vista da língua. Os objetos a

que nos referimos são construtos, são fruto das noções que formulamos sobre eles e expressamos na língua. Trata-se, sempre, portanto, do modo como representamos o mundo na língua e pela língua, e não do mundo físico.

Fonseca (1989) discutiu também acerca da dêixis *am phantasma*, proposta também por Bühler pioneiramente, redefinindo-a como dêixis fictiva. Nesse tipo de dêixis, há um apontamento para os referentes ou os acontecimentos situados na memória ou na imaginação, presentes num campo mostrativo imaginário, a partir de “uma imagem mental” criada pelo interlocutor para reproduzir e se localizar, instaurando-se como uma nova *origo*.

Bühler apresentou, para a dêixis *am phantasma*, diversos usos. Não somente os literários, como se poderia pensar, considerando o caráter de fantasia, mas os que pressupõem a imaginação, de modo geral. Dá exemplos corriqueiros em sua *Sprachtheorie*, como os de projetar alterações na decoração de um cômodo, mesmo não estando presente nele, ou os de indicar itinerários, como a seguir:

- (11) Em Viena, passas pelo Graben junto à Pestsaule, vais até o Stock im Eisen e logo tens, na tua frente, um pouco à esquerda, a catedral de Santo Estêvão (traduzido do espanhol por Fonseca, 1989).

Bühler menciona, nesses casos, o que ele chama de uma *transposição*: é como se o locutor sáísse da situação enunciativa em que está, de fato – por isso, é considerada pelo autor como uma mostração *in absentia* – e instaurasse uma nova *origo* na situação imaginada, podendo, assim, localizar-se nessa outra situação enunciativa.

A redefinição da dêixis *am phantasma*, para Fonseca (1996), consiste numa “criação pela linguagem” em que há:

“evidência mental” compartilhada por locutor e interlocutor: utilizando dados presentes na sua memória e que supõe serem constitutivos da memória comum que compartilha com o interlocutor, o locutor reproduz ou constrói (imagina) uma determinada situação distinta daquela em que estão inseridos, propondo ao interlocutor uma transposição para essa situação imaginada (FONSECA, 1996, p. 442).

Podemos verificar que o exemplo de Fonseca é exatamente o mesmo que Bühler sugere, na indicação de um itinerário:

- (12) Na Rotunda da Boavista, estás a ver aquela casa verde, à direita, depois de saíres do Correio? É aí (FONSECA, 1989, p. 221).

Neste exemplo, percebemos que a situação é uma proposta de que o interlocutor imagine um local, que não é o mesmo da situação enunciativa, recuperando-o em sua memória o conhecimento que tem daquela localização. Portanto, é necessário que haja compartilhamento e monitoramento “ficcional” da situação de comunicação. Assim, a dêixis *am phantasma* é renomeada por Fonseca (1989) como *dêixis fictiva*.

Outro exemplo dado pela autora, sugerido por Bühler, é o de supor uma situação em que, imaginando uma possível disposição de móveis, um locutor diga:

- (13) Aqui fica a mesa, ao lado do armário e por baixo do espelho.

Embora, em 13, possa parecer uma dêixis *ad oculos*, trata-se, como Fonseca explica, de uma dêixis fictiva, por se tratar de um caso de transposição, em que os interlocutores são “movid” para a situação “criada”.

Aparentemente, Fonseca apenas troca o nome da dêixis *am phantasma*, para fictiva. Supomos que o motivo da renomeação seja o seu profundo interesse em explorar a perspectiva ficcional de uso desse tipo de dêixis.

No entanto, em primeiro lugar, observamos que a característica de indicar algo *in absentia*, pertencente à dêixis *am phantasma*, ou fictiva, parece coincidir, em parte, com o primeiro tipo proposto por Fonseca (1989), que é a dêixis indicial, conforme o caso (mencionado, aqui, anteriormente) de uma pessoa que não possa enxergar, seja por um problema fisiológico, seja por não estar presente na situação mostrada, como no caso da conversa ao telefone. Tanto no caso descrito pela autora como dêixis fictiva, quanto no da dêixis indicial, em que o interlocutor não vê a cena, é preciso que o interlocutor recrie imaginativamente esta cena, através de pistas, sejam elas sensoriais ou verbais – ou uma combinação dos dois.

Essa observação fortalece a hipótese, já esboçada pela constatação de sobreposição do desempenho de “assim” e “deste modo”, de que não é o campo mostrativo “visível” ou “não visível” o que definiria um tipo de dêixis, para Fonseca (1989), mas os modos de apontamento: em situações “reais” e em situações fictícias.

Mas, há, aqui, outro problema sobre os tipos dêiticos de Fonseca (1989), já que não nos parece que a dêixis, quando em um contexto ficcional, comporte-se de maneira diferente, comparando-se a outros contextos. E, por isso, não haveria justificativa para um tipo adicional, apenas por remeter a um contexto de ficção.

No que tange ao campo mostrativo textual, último tipo descrito por Bühler (1982)[1934], o autor identifica o fenômeno da anáfora, que indicaria uma mudança no modo de funcionamento da língua para o espaço textual. O autor afirma que, assim como a mostração *ad oculos*, também é fundamental, na mostração textual, a ordem espacial, uma vez que o texto se organiza de forma linear e que a dimensão textual pode ser explorada de forma prospectiva ou retroprospectiva.

A anáfora de Bühler é identificada por Fonseca (1996) como dêixis textual/discursiva, pelo fato de apontarem para segmentos textuais no contexto verbal (cotexto), considerando, também, que há a utilização de uma “dimensão inerente ao caráter temporalmente extenso e linear da linguagem verbal que se concretiza como dimensão espacial concreta” (FONSECA, 1996).

A decisão sobre classificar expressões referenciais entre a dêixis e a anáfora já foi e continua sendo motivo de muita discussão na literatura; e o fato de remeter no cotexto não é um critério suficiente, conforme Cavalcante (2000) e Ciulla (2002), entre outros. Contudo, não nos aprofundaremos na questão nesta nossa primeira incursão no assunto. Ademais, esse problema diz respeito, antes da questão da classificação em tipos, aos próprios conceitos de dêixis e anáfora – discussão de que não poderemos fugir, mas que adiamos para uma outra etapa da pesquisa, em outros trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito foi o de problematizar classificações de tipos dêiticos, apresentando a discussão de autores, principalmente Cavalcante (2000), Ciulla (2002) e Fonseca (1989; 1996). Enquanto Cavalcante (2000) leva em conta o critério da pessoalidade, fundamentando-se, especialmente em Benveniste (1988), e organiza os tipos dêiticos em uma escala de subjetividade, Fonseca (1989; 1996) considera o campo mostrativo de Bühler (1982)[1934] como ponto de partida para a sua classificação. Ambas as propostas contribuem com uma profunda reflexão, de um lado, e suscitam

problemas, de outro, como a sobreposição de tipos e, principalmente, a (in)definição dos critérios que fundamentam o próprio conceito de dêixis. Daí a importância da continuidade do estudo sobre os tipos dêiticos, para que avancem os estudos nessa área.

Sugerimos, em trabalhos futuros, que além de examinadas outras classificações, sejam minuciosamente investigados os conceitos de subjetividade/pessoalidade e ostensão – os dois tradicionais pilares da noção de dêixis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHÉLOZ, D. Référent sans expression référentielle : gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle. In: ENIKÖ, N. (ed.). *Pragmatics in 2000: selected papers from the 7th International Pragmatics Conference*. Antwerp: International Pragmatics Association, 2001. p. 30-38. v. 2
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- BÜHLER, K. The deitic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 9-30.
- BÜHLER, K. *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: Fischer, 1934.
- CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- CIULLA, A. *Referência e enunciação* (no prelo).
- CIULLA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, 2008.
- CIULLA, A. *A referenciação anafórica e dêitica: com atenção especial para os dêiticos discursivos*. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- DIESSEL, H. Bühler's two-field theory of pointing and naming and the deictic origins of grammatical morphemes. In : DAVIDSE, Kristin ; BREBAN, Tine ; BREMS, Lieselotte, MORTELMANS, Tanja. (ed.). *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 37-50.
- FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California, 1971.
- FLORES, V. N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FONSECA, F. I. *Deixis et anaphore temporelle en portugais*. Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas, 1985. v. 2
- FONSECA, F. I. *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1989.
- FONSECA, F. Irene. Deixis e pragmática linguística. In: FARIA, Isabel Hub et al. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.
- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- LYONS, J. Deixis and subjectivity: loquor, ergo sum? In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (ed.). *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 101-23.

MONDADA; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référénciation. In: *TRANEL* (Travaux Neuchâtelois de Linguistique), n. 23, 1995, p. 273-302. Tradução para o português: Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.